



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS- CCSA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA SILVA

**ARTE E CULTURA COMO INSTRUMENTO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO
ASSISTENTE SOCIAL: A SOCIALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO NA
ESCOLA MUNICIPAL RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA SILVA

**ARTE E CULTURA COMO INSTRUMENTO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO
ASSISTENTE SOCIAL: A SOCIALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO NA
ESCOLA MUNICIPAL RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Serviço
Social da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em
Serviço Social.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Noalda Ramalho

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Maria do Socorro Pereira da.
Arte e cultura como instrumento do exercício profissional do assistente social [manuscrito] : a socialização da experiência de estágio na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde / Maria do Socorro Pereira da Silva. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Noalda Ramalho, Departamento de Serviço Social - CCSA."
1. Serviço social. 2. Arte. 3. Cultura local. 4. Exercício profissional. 5. Assistente social. I. Título
21. ed. CDD 361.32

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA SILVA

**ARTE E CULTURA COMO INSTRUMENTO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO
ASSISTENTE SOCIAL: A SOCIALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO NA
ESCOLA MUNICIPAL RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Serviço
Social da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharela em
Serviço Social.

Aprovado em: 02/07/2019.

BANCA EXAMINADORA

Maria Noalda Ramalho

Profa. Dra. Maria Noalda Ramalho (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Alcione Ferreira da Silva

Profa. Me Alcione Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria de Fátima Melo Amorim

Maria de Fátima Melo Amorim
Supervisora de Campo

À Dona Ritinha, minha vó querida (in memoriam), DEDICO.

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.”

Arnaldo Antunes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. HISTÓRIA DA ARTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	08
2.1 Ensino da Arte no Brasil.....	12
3. SERVIÇO SOCIAL: NUMA RELAÇÃO DE CULTURA E ARTE.....	14
3.1 A arte como instrumento de trabalho do serviço social.....	16
4. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA ESCOLA RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE.....	18
4.1 Caracterização do campo de estágio.....	19
4.1.1 A inserção do/a assistente social na escola.....	19
4.2 O Projeto de intervenção “Implantação do Teatro de Bonecos na Escola”.....	20
4.2.1 Procedimentos metodológicos do projeto de intervenção.....	22
4.2.2 Resultado do projeto de intervenção.....	23
5. CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

ARTE E CULTURA COMO INSTRUMENTO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL: A SOCIALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO NA ESCOLA MUNICIPAL RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE

Maria do Socorro Pereira da Silva¹

RESUMO

Por toda história da humanidade, a arte se fez presente na vida do ser social, como forma de expressão, registrando a época em que vive e sua visão de mundo. A arte faz parte da cultura, que é todo o modo de vida e de comportamento das pessoas, suas crenças, suas leis, seus conhecimentos e todos seus hábitos e conhecimentos adquiridos em sociedade. O objetivo geral desse artigo é de refletir sobre a utilização da arte e da cultura como instrumentos no exercício profissional do/a assistente social. Como objetivos específicos: mostrar que a arte pode ser uma ponte entre o Serviço Social e a comunidade, expor uma intervenção com a arte para estimular a potencialidade dos sujeitos valorizando a cultura local e contribuir para conscientizar o indivíduo quanto aos seus direitos e deveres enquanto cidadão, utilizando a arte e a cultura como viés em defesa da cidadania. O interesse pelo tema surgiu da necessidade de se abordar temas educativos em sala de aula de forma a prender a atenção das crianças, e foi a utilização do teatro de bonecos a escolha para desenvolver esse trabalho, como instrumento para o Serviço Social. O trabalho traz algumas considerações sobre a história da arte, o ensino dela no Brasil, a relação da cultura e da arte com o Serviço Social e o relato da experiência de estágio na Escola Municipal Rivaniildo Sandro Arcoverde, em que foi utilizada a arte do teatro de bonecos como projeto de intervenção na área do Serviço Social. O tema abordado nesse trabalho pode contribuir para futuras discursões e possibilidades de intervenção profissional usando como instrumento a arte e o estudo da cultura como colaboradora no trabalho do assistente social.

Palavras-chave: Arte, Cultura, Serviço Social

ABSTRACT

Throughout the history of mankind, art became present in the life of the social being, as a form of expression, recording the time in which he lives and his vision of the world. Art is part of culture, which is the whole way of life and behavior of people, their beliefs, their laws, their knowledge and all their habits and knowledge acquired in society. The general objective of this article is to reflect on the use of art and culture as instruments in the professional practice of the social worker. As specific objectives: to show that art can be a bridge between Social Work and the community, to expose an intervention with art to stimulate the potentiality of the subjects valuing the local culture and contribute to make the individual aware of their rights and duties as a citizen, using art and culture as a bias in defense of citizenship. The interest in the theme arose from the need to approach educational subjects in the classroom in order to focus on the children, and it was the use of the puppet theater to choose this work as an instrument for Social Work. The work brings some considerations about the history of art, her teaching in Brazil, the relationship between culture and art with

¹ Graduanda do curso de Serviço Social. corinhadosbonecos@hotmail.com

Social Work and the report of the internship experience at the Rivanildo Sandro Arcoverde Municipal School, where theater art was used of puppets as an intervention project in the area of Social Work. The theme addressed in this work can contribute to future discourses and possibilities of professional intervention using as a instrument the art and the study of culture as collaborator in the work of the social worker.

Keywords: Art, Culture, Social Work

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em cultura é comum o pensamento associar imediatamente à arte, como se uma fosse sinônimo da outra. De fato, elas estão totalmente ligadas, sendo que a cultura é algo muito mais amplo que a arte, pois estão relacionadas a todo o modo de vida das pessoas, seus hábitos, seus costumes e suas crenças. A arte é uma particularidade da cultura, constituída por códigos, sinais e representações ligadas a sentimentos, ideias e materiais com significados. Arte e cultura são indissociáveis, é através da arte que conseguimos diferenciar, apreciar e adquirir conhecimento das diferenças de uma cultura e outra, visto que na arte são impressas formas, sentimentos e cores que dizem muito sobre a pessoa que a fez, que por sua vez possui uma história enriquecida por sua cultura, adquirida por uma sociedade que a diferencia das demais, tornando a arte um produto único em qualquer lugar do mundo, sendo uma forma de expressão livre para todos, atividade humana com manifestações de ordem estética, feito por artistas com o objetivo de estimular interesse no espectador.

A palavra arte deriva do latim *ars*, *artis*, que significa maneira de ser ou de agir, profissão, habilidade natural ou adquirida e na cultura greco-romana, possuía o sentido de ofício. Para Duarte Júnior (1994) “a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo que restou das culturas pré-históricas” (p.136). A arte está ligada aos fatores históricos e sociais, mas dialoga ativamente com nossa sociedade, criando os estilos de época e acompanhando a evolução do homem e da tecnologia. Conhecer a arte que é praticada pela nossa sociedade, ou pelo grupo cultural a qual pertencemos é fundamental para construirmos a nossa própria identidade, contudo, o contato com outras artes e outros grupos culturais nos proporciona o aprendizado e um melhor convívio com outras pessoas, o que amplia a nossa visão de mundo. Fisher (1971) destaca que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim, coletiva. O homem se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, ela somente tem sentido quando sua reprodução for uma representação social. E nessa linha de pensamento Coli (1989) completa: “no passado e ainda hoje, os objetos artísticos possuíram funções sociais e econômicas que permitiram sua constituição e seu desenvolvimento” (p.90). A função da arte é muito maior do que simplesmente decorativa, bela e agradável, ela é a representação do que o artista vive, pensa e sente, ele se molda e representa seu momento vivido através da sua obra.

A arte é inseparável da cultura, já se sabe, mas o que tem o Serviço Social com isso? Pode se dizer que a cultura é a dimensão do social. Ao longo da história, a arte se fez presente exercendo sua função social e expressando o contexto

histórico de cada época; e com a implantação do capitalismo, ela é utilizada para expressar os impactos da questão social. Nesta perspectiva, a arte e o Serviço Social têm como ponto em comum serem instrumentos que levam a um despertar da consciência crítica dos sujeitos de forma a possibilitá-los à alcançarem sua independência socioeconômica, política e cultural. Nesta perspectiva, Santos (2004) defende, “[...] a arte como forma de emancipação política. Neste sentido, pode-se compreender a arte como uma mediação no fazer cotidiano do Serviço Social, uma vez que expressa na sua singularidade a representação do real.” (p.8)

O presente artigo tem por objetivo geral, refletir sobre o uso da arte e da cultura como instrumentos no exercício profissional do Serviço Social. Como objetivos específicos: mostrar que a arte pode ser uma ponte entre o Serviço Social e a comunidade, expor uma intervenção com a arte para estimular a potencialidade dos sujeitos valorizando a cultura local e contribuir para conscientizar o indivíduo quanto aos seus direitos e deveres enquanto cidadão, utilizando a arte e a cultura como viés em defesa da cidadania. O interesse pelo tema surgiu da necessidade de se abordar temas educativos em sala de aula de forma a prender a atenção das crianças, e foi a utilização do teatro de bonecos a escolha para desenvolver esse trabalho, como instrumento para o Serviço Social.

O tema abordado nesse trabalho pode contribuir para futuras discussões e possibilidades de intervenção profissional usando como instrumento a arte e o estudo da cultura como colaboradora no trabalho do assistente social. As fontes utilizadas para construção desse artigo foram: bibliográficas, pesquisas em sites e experiência de estagio obrigatório em Serviço Social na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde.

O artigo foi dividido em quatro partes. Inicialmente, trazemos um texto introdutório sobre o tema abordado; em seguida algumas considerações sobre a história da arte, onde veremos a relação do homem com a arte desde a pré-história aos dias atuais, mostrando que a arte é tão antiga quanto a existência humana e que ela se modifica com o passar dos períodos e as necessidades da humanidade seguindo estilos e tendências de cada época. Mais adiante teremos um tópico sobre o ensino de arte no Brasil que se inicia com a chegada da missão francesa no período da colonização e segue bem mais adiante com as tendências pedagógicas da escola Tradicional, escola Novista e a escola Tecnicista. Nesse mesmo item teremos a criação das escolinhas de arte, lugar onde os artistas trabalhavam com as crianças e ministravam cursos de arte para capacitar professores. E as mudanças no ensino de arte no Brasil com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Na sequência será abordado a relação da cultura com o Serviço Social. Entender a cultura da comunidade para poder desenvolver um trabalho com mais consistência e utilizar a arte como instrumento técnico-operativo nas ações referentes ao exercício da profissão e, por fim, teremos o relato do nosso estágio obrigatório em Serviço Social que teve como projeto de intervenção, a implantação do teatro de bonecos na escola. Uma experiência positiva que trouxe o uso da arte, nesse caso, os bonecos, como instrumento de intervenção para um trabalho sócio educativo em uma escola municipal, na qual foram atendidas turmas do fundamental I que se encantaram com o lúdico e a magia dos bonecos. No relato, veremos a caracterização do campo de estágio, o projeto de intervenção com a metodologia empregada e os resultados do projeto.

2 HISTÓRIA DA ARTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A arte está ligada ao homem desde sua existência. Ela acompanha a evolução humana nas mais diversas formas de expressão, retratando os períodos específicos da história com manifestações artísticas da humanidade, que se fazem presentes desde a Pré-História até os dias atuais. Cada período com suas grandes descobertas e conquistas, nos vários campos das ciências e das artes.

Os movimentos artísticos que compõem as artes trazem tendências e diferentes estilos com objetivos comuns seguidos por grupos de artistas durante um restrito período de tempo que pode ter duração de meses ou de décadas. Esses movimentos tiveram bastante importância na arte moderna e um enfraquecimento na arte contemporânea, dando espaço ao individualismo e a diversidade.

No período da Pré-História, que se inicia com o surgimento do homem na terra e dura aproximadamente até 4.000 anos a.C., a arte era primitiva. Este período antecede a escrita e os únicos registros que se tem dessa época são através das gravuras feitas em cavernas, dos fósseis, dos instrumentos de caça e pesca, dos utensílios domésticos e dos fragmentos de ornamentação. Este período foi muito longo e foi dividido em Paleolítico, também conhecido como período da pedra lascada, e Neolítico, período da pedra polida e a Idade dos Metais. A principal característica da arte nesse período é o naturalismo, os homens faziam pinturas em rochedos e paredes de cavernas com sangue de animais e tintas extraídas de vegetais, como também os desenhos em baixo relevo feitos no barro mole onde ficavam as marcas das suas mãos.

O estilo de uma obra sempre corresponde a uma visão de vida – visão pessoal ou, mais amplamente, visão cultural de determinada sociedade num determinado momento histórico. Com novas relações de convívio entre as pessoas, surgem novos comportamentos sociais e assim formam-se também tendências culturais. (OSTROWER, 1991, p.294).

Com o crescimento da população veio a divisão do trabalho e com ele foram desenvolvidas novas técnicas, como a tecelagem, o trabalho em cerâmica e, posteriormente, com a descoberta do metal, vem a fabricação artesanal de ferramentas e utensílios mais aprimorados. Durante este período, o homem inventa a roda, o arado de boi e os primeiros sinais da escrita, um passo importante para a evolução da sua história. Segundo Ostrower (1991) “durante eras inimagináveis, milênios a fio, e nas incontáveis gerações que vieram a viver e a morrer, as pedras lascadas permanecem o principal testemunho da produção cultural” (p. 297).

Chegando na Idade Antiga, a arte desenvolvida pelas antigas civilizações, principalmente pelas egípcias, gregas e romanas, é bem diversificada e abrangente. O povo egípcio tinha sua arte marcada por uma realidade mística e pela escrita avançada, os hieróglifos. Era uma arte baseada na crença, voltada para criação de túmulos para faraós, mais do que simples ornamento de câmaras funerárias, as pinturas nelas empregadas deviam acompanhar o faraó morto e dar à sua alma todas as condições de desfrutar na eternidade, a mesma vida que ele tinha na terra. Além da pintura que retratava as relações sociais da época, os egípcios deixaram legados de grandes obras, como as pirâmides, esfinges e grandes estátuas de deuses cultuados por uma religião politeísta.

A religião, portanto, invadiu toda vida egípcia interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, conseqüentemente, orientando toda produção artística desse povo. Além de crer em deuses que poderiam interferir na história humana, os egípcios acreditavam também numa vida após a morte e

achavam que essa vida era mais importante do que a que vivia no presente. [...] É por isso, também, que a arquitetura egípcia se realizou, sobretudo, nas construções mortuárias. (PROENÇA, 2005, p.17).

A arte grega é voltada para perfeição e valorização do homem, representações de cenas do cotidiano, dos temas mitológicos e religiosos. As estátuas eram esculpidas no mármore e no bronze. Diferente da cultura egípcia, que valorizava os mortos, os gregos valorizavam a vida e a beleza dos homens. Destacavam-se pela arquitetura, pintura, literatura, música e teatro. Nas esculturas retratavam a figura humana com músculos, veias e nervos bem ressaltados, mas representando ícones religiosos como deuses e deusas da sua crença. Na pintura, tinham o hábito de pintarem em vasos e nas paredes dos templos e dos palácios com imagens do cotidiano, das batalhas, da mitologia e da religião. O Dórico, o Jônico e o Coríntio foram estilos que inspiraram suas grandes construções arquitetônicas nos templos que eram erguidos para resguardar as esculturas dos deuses da ação do tempo; assim também como o teatro surgiu da necessidade de honrar suas divindades que é o caso do “culto a Dionísio”, dando origem a tragédia e a comédia das artes cênicas. Com sua arte, os gregos deixaram um grande legado histórico para humanidade.

Os romanos se destacaram na arquitetura com construções de templos, anfiteatros, muralhas e aquedutos com o uso das abóbodas e arcos, uma influência da arte etrusca. Na sua grande maioria, tratava-se de espaços que acomodavam muita gente, tendo como exemplo o Coliseu, anfiteatro localizado em Roma que realizava um dos eventos mais apreciados pelos romanos, que era a luta de gladiadores. As pinturas enriqueciam a beleza arquitetônica por seu realismo e imaginário estilo, sua maioria se encontrava na cidade de Pompéia que foi soterrada pela erupção de um vulcão. Na escultura, os romanos diferenciavam-se dos gregos, não representavam o ideal de beleza, mas buscavam retratar as pessoas com seus traços reais. No início do Séc. III, Roma começa a enfrentar lutas internas causadas pela entrada dos povos bárbaros, e a preocupação com a arte diminuiu no Séc. V quando o Império Romano entra em decadência e é dominado pelos invasores germânicos.

A arte europeia foi marcada durante a Idade Média que vai do Séc. V ao Séc. XV, sob uma grande influência da igreja católica, toda manifestação artística era supervisionada pelo clero. Eram reproduzidas nas pinturas os ensinamentos da bíblia, assim também como nos vitrais, nos livros e nas esculturas. Usavam a arte para doutrinar, sendo a maior parte da população analfabeta e a educação, um privilégio da nobreza.

O que caracterizou a arte medieval foram os estilos românicos e góticos. O primeiro surge na Europa nos Séc. XI e XII, e depois, por todo o mundo com a disseminação do cristianismo. Este estilo caracterizou-se pelas pedras empregadas nas construções, os telhados de abóbodas, pinturas e esculturas com simbolismo religioso.

Numa época em que poucas pessoas sabiam ler, a igreja recorria à pintura e à escultura para narrar histórias bíblicas ou comunicar valores religiosos aos fiéis. Um lugar muito usado para isso eram os portais na entrada do templo. No portal a área mais ocupada pelas esculturas era o tímpano, nome que recebe a parede semicircular que fica logo abaixo dos arcos que arrematam o vão superior da porta. (PROENÇA, 2005, p.59).

A partir do Séc. XVI, ainda com a predominância da arte românica, surge uma nova arquitetura, a gótica, criada pelos bárbaros quando invadiram o Império Romano, com catedrais de torres pontiagudas voltadas para o céu com três portais de entrada com vitrais e rosácea no portal central e enriquecidas por esculturas que acompanhavam o estilo arquitetônico das catedrais. Foram os manuscritos ilustrados em pergaminhos e as pinturas que retratavam os seres com realismo e os temas religiosos que deram início ao Renascimento.

Fazendo oposição às formas clássicas da arte, surge no final do Séc XIX, a Arte Moderna com forte influência da Revolução Industrial. Buscando novas formas de expressão para romper com os padrões antigos, os artistas modernos utilizam novos recursos em seus trabalhos, como as cores mais vivas, figuras deformadas, cubos e cenas sem lógica. Além da pintura, a arte moderna se faz presente na música, literatura, arquitetura, escultura e fotografia; acompanha a curva definida pelo romantismo, realismo e impressionismo.

O termo, arte moderna, engloba as vanguardas europeias do início do século XX: Cubismo, Construtivismo, Dadaísmo, Surrealismo, Futurismo, entre outros que surgiram nesse período da modernidade. Considerada a priori como uma iniciativa eminentemente europeia, a arte moderna foi introduzida na América durante a I Guerra Mundial, quando um número de artistas de Paris, fogem dos conflitos na França e migram para Nova York.

A Arte Contemporânea representa o conjunto de diferentes movimentos, estilos, vanguarda e técnicas que surgiram pós segunda guerra e se prolonga até nossos dias atuais, propondo expressões artísticas originais a partir de técnicas inovadoras. Nesse sentido, acima do objeto final, a arte dá prioridade a ideia, ao conceito e a atitude. O objetivo é produzir arte e refletir sobre a mesma, abandonando paradigmas e agregando valores para a constituição de uma nova mentalidade. Mesmo abrigando diversos valores da arte moderna, a contemporânea vem com experimentos e inovações artísticas, surgindo novos movimentos de arte relacionados mais com a comunicação do que com o consumo.

No Brasil a arte também tem seus períodos históricos, os sítios arqueológicos encontrados em todo território nacional mostram a arte rupestre em cavernas e lugares onde se abrigavam os homens pré-históricos acerca de 13.000 a.C. A arte brasileira é bastante rica e diversificada, após sua colonização, o Brasil teve grande influências artísticas europeias, principalmente dos portugueses e holandeses. O estilo Barroco está presente em muitas construções brasileiras, principalmente, no estado de Minas Gerais e alguns estados da região Nordeste, arte essa, trazida, principalmente, pelos missionários religiosos, dentre outros estilos artísticos que predominavam na Europa. A arte dos índios brasileiros tem destaque nas cerâmicas, nas pinturas e enfeites dos corpos e nos traçados de fios e fibras para objetos utilitários e de ornamentação.

Outra contribuição de grande valor para a cultura popular brasileira, veio dos negros trazidos da África para trabalharem como escravos no Brasil; suas artes influenciaram a música, a dança, a culinária e os modos de vida dos brasileiros. E como em outras partes do mundo, o Brasil viveu períodos artísticos, e um que marcou muito foi o Modernismo que expressava as expressões artísticas do final do século XIX e início de século XX. Um momento histórico foi a Semana de Arte Moderna que aconteceu na cidade de São Paulo em 1922, onde se reuniram intelectuais e artistas de vários segmentos onde defendiam, acima de tudo, a liberdade de expressão. Artistas passaram a desenvolver um estilo próprio e ser mais reconhecido fora do país, a arte ganha mais espaço fora das galerias, dos

museus e conservatórios e passa a ser vivenciada e estudada em espaços que se tornariam escolas de arte.

No item que segue faremos uma reflexão sobre o ensino de Arte no Brasil, que tem início no período colonial.

2.1 Ensino da Arte no Brasil

Historicamente pode-se dizer que o ensino de Arte no Brasil tem início com a chegada da Missão Francesa trazida por Dom João VI no ano de 1816. O objetivo da vinda dessa Missão era de criar aqui no país uma Escola de Ciências Artes e Ofício para qualificar pessoas para o mercado de trabalho. Mas, passados dez anos, esse estabelecimento de ensino abre suas portas com o nome de Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro e devido ao custo elevado, poucos tinham a oportunidade de frequentar suas aulas.

A partir desse momento, a educação em arte vem sendo marcada por tendências pedagógicas que percorrem o ensino no Brasil podendo destacar a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia da Nova Escola e, também, a Pedagogia Tecnicista.

Na década de 1870 a arte é voltada para formação de desenhistas e, entre os anos 1890 e 1920, o que predomina no Brasil é a cópia de quadros e os desenhos geométricos, onde a arte passa a ser incluída no currículo escolar, a partir de 1920, como suporte às demais disciplinas: português, matemática, geografia, história, entre outras, mas não como uma matéria que tenha grande relevância.

A escola Tradicional valorizava as habilidades manuais dos alunos e sua formação para o mercado de trabalho, isso se aplicava às classes menos favorecidas e para as classes de poder aquisitivo maior se estimulava a apreciação e o bom gosto pelas obras de arte. O desenho era estimulado de forma técnica, usando a arte com o aspecto utilitário, visando segundo Ferraz e Fusari (1992) “a preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais” (p.30).

A Semana de Arte Moderna de São Paulo” realizada em 1922, foi um marco para o desenvolvimento das atividades artísticas no Brasil, caracterizando o movimento modernista com ideias de livre expressão por artistas, como Mário de Andrade e Anita Malfatti viam que a Arte não podia ser ensinada, mas expressada e, através dela, a possibilidade de expressar sentimentos.

A partir de 1930, o movimento da Escola Nova é disseminado no Brasil e as práticas pedagógicas tomam uma nova dimensão, focando a atenção no processo do ensino-aprendizagem voltado para o desenvolvimento natural do aluno, onde ele passou a buscar seu próprio conhecimento com experimentos e isso contribuiu para que as aulas de Arte tivessem mais liberdade de expressão, causando uma mudança brusca do ensino tradicional para o movimento da Escola Nova, onde a responsabilidade da aprendizagem não ficava mais centrado no professor, dividia com o aluno a busca pelo conhecimento através das suas experiências.

Em 1948 é criada a Escolinha de Arte pelo artista plástico Augusto Rodrigues, após saber que uma mostra de arte infantil não havia dado certo por ter interferência de adulto. Interessado nas produções infantis, ele em conjunto com outros artistas como, Margaret Spencer e Lucia Alencastro promovem encontros com professores de arte, psicólogos e demais profissionais ligados à educação, entre eles, em destaque Anísio Teixeira, Helena Antipoff e Lois William e juntos se reúnem para discutir um caminho para o ensino de arte no Brasil. E em um espaço onde se

encontravam crianças e artistas para vivenciar experiências através de atividades de desenho e pinturas de forma livre, criativa e harmoniosa, foi criada a primeira Escolinha de Arte nas dependências da Biblioteca Castro Alves no Rio de Janeiro. Para Augusto Rodrigues:

A escola surgiu depois, do interesse enorme das crianças, que afluíram cada vez mais numerosas e bem-vindas sempre. Foi com esse material humano – Augusto, Margaret e Lúcia como professores e um grupo de crianças – que nasceu a Escolinha de Arte do Brasil. Ainda não tinha nome. Era pouco mais que uma ideia. Mas o fato concreto de se reunir aquela gente, três, quatro vezes por semana, prova que já era muito mais que uma simples ideia. Era uma semente. Pequena, mas contendo em si toda potencialidade do futuro. (RODRIGUES, 1980, p.33).

O espaço da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), além de trabalhar com crianças, também oferecia cursos para professores, artistas, estudantes e a quem tivesse interesse no ensino da arte. Um dos cursos oferecidos na Escolinha foi o Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) sob a coordenação de Dona Noêmia Varela, arte-educadora do Estado de Pernambuco que no período se encontrava na cidade do Rio de Janeiro e para realização desse curso ela contou com a colaboração de Anísio Teixeira, Helena Antipoff e de Léa Eliot.

O sucesso da Escolinha fez com que tantas outras fossem criadas não só na área fluminense, mas em outros Estados brasileiros. Em Porto Alegre, com o auxílio de Augusto Rodrigues e equipe, o Major Fortunato e Edna Sóter fundam a Escolinha de Desenho do Circuito Militar de Porto Alegre. Em Cachoeiro do Itapemirim é fundada uma Escolinha de Arte por Isabel Rocha Braga e a Escolinha de Arte do Recife (EAR) é criada por D. Noemia Varela em parceria com Ulisses Pernambucano. Assim, várias escolinhas foram abertas no Brasil, chegando a alcançar territórios internacionais passando a ser conhecido como o Movimento Escolinha de Artes (MEA).

Além do desenho, a música e os trabalhos manuais passaram a fazer parte do currículo escolar a partir do ano de 1950. E na década seguinte, em meio a uma situação política conturbada que vivia o Brasil, diante da ditadura militar, a nova tendência pedagógica era a Pedagogia Tecnicista onde o aluno e o professor tinham um papel secundário, tendo como principal objetivo a preparação de indivíduos para o mercado de trabalho e, assim, a arte também entra nesse conceito técnico, que é de pouco compromisso com o conhecimento da linguagem artística.

Através da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) de 1971 é incluída a Arte no currículo escolar, denominada de Educação Artística como uma atividade educativa e não como uma disciplina.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, iniciam-se discussões sobre a nova LDB, que só foi sancionada, apenas, em 20 de dezembro de 1996. Com a Lei n.9394/96, a arte é obrigatória na educação básica: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, 1996, art.26, §2º).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, para as séries do Ensino Fundamental, volume 06, relativo à área Arte, apontam a educação em Arte como forma de propiciar ao indivíduo o desenvolvimento do pensamento artístico, além de uma relação afetiva com o meio em que vive.

Utilizar a arte como instrumento para desenvolver um trabalho educativo é, antes de tudo, proporcionar ao indivíduo a chance dele poder desenvolver seu potencial de criação e de produção, levando-o a ampliar sua percepção sobre outras áreas: Sociais, políticas e ideológicas, fazendo com que ele reflita sobre o contexto histórico em que vive.

É mais frequente ver um professor valendo-se da arte como instrumento para suas aulas, mas para outros profissionais, a exemplo dos/as assistentes sociais, essa prática não é muito comum, embora seja de grande valia, partindo da concepção de que a arte abre espaço para discussões diversas de conhecimentos gerais. O/A profissional de Serviço Social que usar a arte como instrumento para o seu trabalho, **certamente**, terá mais possibilidades de conhecer a cultura do indivíduo ou da comunidade na qual está trabalhando. No próximo item faremos o debate sobre serviço social e arte.

3 SERVIÇO SOCIAL: NUMA RELAÇÃO DE CULTURA E ARTE

Cultura é o conjunto de conhecimento, de artes, de crenças, de costumes, de lei, de valores, hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano, não apenas no âmbito familiar, mas também na sociedade da qual ele faz parte. Com o passar dos anos, sob um novo olhar do ser para si mesmo, para o outro e para o mundo ao seu redor, a cultura vai se modificando, uma mudança gradativa de geração em geração, seguindo o curso da história, incorporando novas formas de comportamentos, novos valores à sua vida cotidiana. Segundo as palavras de Bezerra, “Este é o sentido de cultura como um ‘modo de vida’, no interior do qual se constrói a subjetividade e o processo criativo de resposta às necessidades coletivas”. (BEZERRA, 2006, p.36)

A cultura pode ser compreendida como práticas de uma forma de vida dentro de uma determinada estrutura, onde os sujeitos são protagonistas dessa trama de relações sociais e culturais, dialogando entre si, com a sociedade, com a natureza e com o meio no qual estão inseridos. Nesta perspectiva,

a cultura é, portanto o espaço dinâmico no qual a consciência social constrói este conhecimento e esta reflexão acerca da realidade da história passada, presente e futura, onde o homem se percebe com novas necessidades e desafios para além da intervenção sobre a natureza. É um espaço de mediação, de intencionalidade, de construção de novas demandas coletivas a serem atendidas pela atividade produtiva. Os homens ao desenvolverem o seu intercâmbio material, constroem sua cultura. Ao mesmo tempo, mudam a natureza, mudam sua constituição, enquanto ser social, mudam seu pensamento e os produtos desse pensamento. Fazem e refazem permanentemente sua cultura e conseqüentemente toda sua vida em sociedade. A cultura constitui, assim, a resposta a necessidade e imperativos humanos não ligados, única e necessariamente, à sua reprodução física. Remete, portanto, ao aspecto da vida social concretizado no plano da práxis interativa, da relação com os outros homens e das construções coletivas processadas através desta relação. (BEZERRA, 2006, p.45-46).

O/A assistente social sendo um profissional que tem seu trabalho voltado para uma intervenção na realidade social e para melhor entender o ser humano genérico, precisa tomar consciência da importância de conhecer melhor os costumes, as crenças e modo de vida dos sujeitos ou da comunidade na qual está sendo desenvolvido o seu trabalho, seja para sua intervenção, ou como objeto de estudo e, também, para que esses sujeitos tomem consciência da sua cultura, pois muitas

vezes, eles vivem, mas não compreendem que são parte da história da humanidade e na medida que constrói sua vida e a transforma; assim também, constrói e transforma a sociedade e a história da humanidade.

O estudo da cultura local permite interpretar o modo de vida das pessoas, suas condições econômicas e sociais. E nesse contexto, é importante que o/a assistente social tenha um olhar crítico sobre a realidade dos sujeitos com os quais ele está trabalhando. O cenário político e o fator econômico são determinantes para formação cultural dessas pessoas. Embora estejamos vivendo a era da globalização, onde a comunicação em massa circula rapidamente e as informações cheguem mais rápido à boa parte da população, cada comunidade tem suas particularidades. Em uma mesma cidade, um bairro periférico que tem um lixão, a infraestrutura é precária e o índice de violência é grande, os habitantes desse local vivem de forma diferente, com hábitos diferentes dos moradores de um bairro onde o poder aquisitivo das pessoas é melhor e onde não haja grandes riscos de vulnerabilidade social. Como afirma Evelin:

Decididamente, o econômico e o cultural são indissociáveis, não somente para investigação das formas como as sociedades produzem e reproduzem novos modos de vida; é indispensável na prática social, na compreensão do simbólico e na construção da cidadania. (EVELIN, 2014, p.44).

O estudo da cultura é um instrumento que o serviço social pode utilizar para se ter uma postura profissional investigativa acerca dos usuários. Como referência para exploração epistemológica e formulação do seu quadro teórico-metodológico é preciso que o assistente social perceba as diferenças culturais e econômicas, o particular e o universal e suas implicações políticas e ideológicas que lhes são postas à ação e reflexão. Estimular as potencialidades do ser humano em enxergar sua vida, valorizar sua cultura e planejar seu futuro é um exercício ético do profissional, com isso é preciso que ele desconstrua algumas crenças e conceitos, das quais consideram os indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade social como subalternos e excluídos. “Penso haver, em curso no mundo, um processo lento, porém seguro, de transformação social por meio da cultura” (EVELIN, 2014, p.34).

Enquanto política pública, por muito tempo a cultura foi relegada ao segundo plano, cabendo a ela recursos financeiros muito baixos e estes voltados para o campo das artes mercadológicas e que favorecem uma pequena parcela da sociedade, deixando de lado o compromisso social com grande parte da população que vive carente de direitos culturais e sociais. E essa retirada de direitos faz com que se estabeleça uma crença de que a cultura é um privilégio de poucos, os espaços artísticos como teatros, galerias de arte, museus e outros tantos sejam para os de maior poder aquisitivo, desconhecendo que cultura é um direito garantido e assegurado constitucionalmente, assim como a saúde, a educação, a segurança; enfim, mais um desafio para o/a assistente social, de conscientizar os indivíduos de que cultura é algo que pertence a cada um e que os patrimônios culturais pertencem a humanidade.

Nem missionário, nem revolucionário, o assistente social desenvolve conhecimento que o levam: a aproximar-se das indagações de homens e mulheres ante as incongruências e congruências; a não descartar nas suas relações com esses indivíduos e grupos sociais qualquer informação vinculadas à cultura, às tradições e aos valores mais íntimos. (EVELIN, 2014, p.21).

Chega a ser complexo falar de culturas, pois essas são diversas e amplas e os conceitos variados. Sobre política cultural e a inserção do serviço social, também é pauta de extensas discussões, tendo em vista que a retirada de direitos supera os direitos adquiridos. Foquemos na aproximação do/a assistente social com a cultura dos indivíduos e comunidades na qual ele desenvolva algum trabalho, seja a nível interventivo ou de pesquisa; cultura essa, que muitas vezes o próprio profissional está inserido.

Seja este trabalho desenvolvido em escolas, associações, na área de saúde, de assistência ou qualquer outro espaço, ter uma visão da cultura local é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho. Dentre os componentes culturais, a arte é um elemento chave para o processo de aproximação, de intervenção, de educação e de expressão. Através da arte pode-se tomar conhecimento das diferenças entre uma cultura e outra, visto que cada expressão artística diz muito sobre quem a fez, que por sua vez, possui valores trazidos da sua cultura.

A arte tem um caráter pedagógico para o trabalho do/a assistente social, posto que quando se trata de educação e cidadania, ambas têm vínculo com arte, pois a mesma tem um papel informativo e educativo, sendo assim, a arte torna-se um instrumento interventivo, mediador e operacional do fazer profissional do serviço social. É sobre esta reflexão que nos debruçaremos no item seguinte.

3.1 A arte como instrumento de trabalho do serviço social

A arte é uma forma de linguagem universal de expressão, de caráter educativo, socializador e revolucionário; estimula a identidade crítica do sujeito, o aproxima dos demais e o faz refletir sobre questões relacionadas ao seu cotidiano. Arte é cultura e a cultura está intrínseca a condição humana. Quando é incentivado o potencial artístico do ser humano, ele deixa de ser um mero expectador e passa a ser autor da sua história, desenvolvendo o senso crítico e consciente. O fazer artístico estimula a flexibilidade para lidar com as situações, com as objetivações e com as diferenças existentes no mundo em que vive.

Em cada época histórica, o homem expressa através da arte o que ele vive na realidade, suas percepções e concepções do mundo ao seu redor, seja através da música, do teatro, do cinema, da fotografia, da pintura, da escultura, da arquitetura, da dança ou de qualquer outro tipo de expressão artística. A humanidade pode entender melhor sua história através da arte e se relacionar com o meio social de forma mais prazerosa, levando em conta uma maior afetividade e mais desenvolvimento da criatividade. E o ato de criar permite que o sujeito se torne mais confiante e seguro do que faz. Nem todos que têm contato com arte, serão grandes artistas, pode ser que nesse universo alguém se descubra como tal, mas na grande maioria a vivência artística possibilita o sujeito a enfrentar suas barreiras e perceber suas limitações. Fisher vai além em suas palavras:

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. (FISHER,1971, p.57).

O Serviço Social tem um caráter eminentemente interventivo, pois atualmente também busca a postura investigativa, e constantemente é desafiado a utilizar mediações alternativas e a arte se torna um excelente canal de comunicação e expressão para transmitir a história da humanidade e expressões da questão social. Desta forma, o assistente social pode fazer uso da arte como potencializadora das suas ações profissionais, mas para adquirir uma qualidade na sua intervenção, se faz necessário buscar os princípios que norteiam o projeto ético-político da profissão de Serviço Social e trabalhar, principalmente, com a função social que a arte possui, onde os critérios de avaliação são exteriores à obra, não se avalia a qualidade estética, mas sim ao critério moral e eficaz. Exemplificando, podemos citar uma apresentação teatral que o assistente social escolheu para sua abordagem ou dentro do seu projeto interventivo, neste caso, não será avaliado a beleza plástica, o figurino, a dicção, tão pouco a atuação cênica dos atores envolvidos. O que importa é o valor da mensagem que se quer passar e o objetivo que se quer atingir com aquele trabalho. O lúdico permite que a mensagem seja entendida de forma mais clara e sucinta, como também, se expressar através da arte, se torna mais fácil dizer o que se sente e o que se pensa.

As expressões artísticas podem ser usadas como forma de contestações das classes sociais e uma possível forma de emancipação do sujeito e seu reconhecimento enquanto sujeito ativo na sociedade. Para Fisher:

O desejo do homem de se desenvolver e se completar indica que ele é mais que um indivíduo. [...] A arte é o meio indispensável dessa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e de ideias. (FISHER,1971, p.13).

Para se entender melhor, como se dá o trabalho de intervenção do Serviço Social através da arte, é preciso que se saiba antes, das diferentes dimensões que constituem o trabalho do profissional da área que são; a teórico-metodológica, a ético-política e a técnico-operativa. Cada uma com sua particularidade, porém, indissociáveis.

A dimensão teórico-metodológica (saber)- através do seu referencial, define-se a intencionalidade e a direção social, possibilitando a escolha de instrumentos e técnicas para o trabalho, fornecendo ao profissional um ângulo de leitura dos processos sociais, e o significado social da ação. A dimensão ético-política (poder)- envolve o projetar da ação em função dos valores e finalidades do profissional, da instituição e da população. O/A assistente social não pode ser neutro, tem que se posicionar politicamente na realidade apresentada para intervir nela, norteado sempre pelo código de ética da sua profissão. E a dimensão técnico-operativa (fazer)- é a execução da ação que se planeja, onde são usados os instrumentos técnicos-operativos: diário de campo, conversas informais, documentação, reunião, observação, entrevistas, fichas cadastrais, encaminhamentos, registros, acompanhamento social, relatórios e visitas domiciliares.

É importante que se use os instrumentos adequadamente para se alcançar uma finalidade, lembrando que, quanto maior for o conhecimento teórico, mais amplas serão as cadeias de mediações e maiores as possibilidades encontradas para a intervenção profissional.

A competência teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política são requisitos fundamentais que permite ao profissional colocar-se diante das situações com as quais se defronta, vislumbrando com clareza os projetos societários, seus vínculos de classe, e seu próprio processo de trabalho. Os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos são necessários para apreender a formação cultural do trabalho profissional e, em particular, as formas de pensar dos assistentes sociais. (ABEPSS, 1996, p.7).

Fundamentando seus trabalhos nas dimensões da profissão, o/a assistente social, pode utilizar-se da arte como ferramenta estratégica e operacional para intervir nas situações que lhes são expostas e desafiadas frente às várias expressões da questão social. Na sequência, veremos nossa experiência de estágio em Serviço Social, onde a arte foi utilizada como instrumento de trabalho dentro de um projeto de intervenção.

4 EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA ESCOLA MUNICIPAL RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE

A experiência de estágio obrigatório na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde, realizado através do curso de serviço social da UEPB, nos proporcionou observar e vivenciar a atuação do Serviço Social no âmbito escolar.

De olho na evasão, na frequência dos alunos às aulas e por uma educação de qualidade, o trabalho da assistente social da referida escola se torna árduo, pois é preciso muito compromisso para atingir o objetivo da permanência dos alunos na escola. Nesse sentido, a profissional faz um elo de aproximação da família com a escola. As visitas domiciliares são constantes; ao chegar à casa do(a) aluno(a), é frequente se deparar com um leque de problemas familiares, onde se vê vertentes da questão social presentes na família e na comunidade. Os instrumentos técnico-operativos, como a observação e os relatórios, são postos em prática e, na maioria das vezes, é necessário que seja feito encaminhamentos para aquela família, com o objetivo de colaborar com a permanência e o progresso do(a) aluno(a) na escola. Alguns deles precisam de acompanhamento especializado e a assistente social da instituição de ensino faz o devido encaminhamento e o acompanhamento desses alunos nas instituições especializadas. No âmbito escolar se trabalha a inclusão, o respeito às diferenças e a cultura da paz.

A área física da escola é extensa, com várias árvores e um terreno acidentado onde os alunos brincam, pois a mesma não possui quadra poliesportiva, nem uma sala de leitura, onde os alunos possam ter um momento de lazer, tendo que brincar expostos ao sol e a poeira, os quais ficam irritados, provocando brigas e desafetos. Retornando à sala de aula, eles chegam eufóricos atrapalhando a continuidade das aulas, tendo, muitas vezes, que o serviço social intervir chamando os pais para uma conversa e fazendo uma mediação entre a escola e as famílias.

O trabalho da assistente social ultrapassa os muros da escola, uma vez que, além de se trabalhar sempre em contato com a Secretaria da Educação Municipal, faz parceria com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da região, a Secretária da Saúde, o Conselho Tutelar, as universidades públicas e particulares, sempre trabalhando para fazer valer o direito do usuário.

No período de estágio foi possível identificar as particularidades de cada sala de aula, dos desafios por uma educação de qualidade e da contribuição para a conscientização de que a escola pública pertence à comunidade e a mesma deve

zelar por esse patrimônio. Além do nosso projeto com os bonecos, estavam sendo implantados outros dois projetos de intervenção executado por estagiárias de serviço social: o de cidadania e outro de inclusão e foi possível fazer um elo entre os três trabalhos, tornando-os mais dinâmicos e atrativos, podendo atingir toda comunidade escolar, incluindo os pais. Além da assistência das supervisoras de campo e acadêmica, as estagiárias contaram com o apoio dos funcionários, técnicos, professores e direção da escola. Uma experiência onde foi possível vivenciar um pouco da profissão, fazendo uso dos instrumentos técnicos-operativos e seguindo o Código de Ética da profissão. Veremos no item a seguir a caracterização do campo de estágio da referida escola.

4.1 Caracterização do campo de estágio

O nosso campo de estágio foi a Escola Municipal do Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arcoverde, localizado à rua Senador João Cavalcante de Arruda, s/n, sendo a principal rua do bairro Presidente Médici, o qual está situado na zona sul da cidade de Campina Grande (PB).

A caracterização do campo de estágio foi construída entre os meses de Abril a Maio do ano de 2016. Os dados foram colhidos na própria escola e com moradores mais antigos do bairro. O nome da escola é uma homenagem a um jovem do bairro que faleceu vítima de um acidente automobilístico, o mesmo era muito querido pela comunidade. Foi através do clube de mães e da associação de moradores do bairro que foi encaminhada à Câmara Municipal uma solicitação para dá o nome de Rivanildo a uma escola que estava sendo construída no bairro,(isso) no ano de 1985, data da construção da escola e morte do jovem. Aprovada a proposta, a Secretaria da Educação, enviou um ofício à família comunicando a decisão de denominarem de Rivanildo Sandro Arcoverde àquela instituição educacional.

Naquele período a escola possuía em sua estrutura física, 6 salas de aula convencional, 1 sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ,1 sala do Programa Mais Educação, 1 pátio, 1 cozinha, 4 banheiros, sendo 1 para professores e funcionários, 2 para alunos e 1 adaptado para deficientes físicos e cadeirantes, 1 sala onde funciona a secretária, diretoria, sala dos professores e técnicos, rampas e corrimão dão acesso às salas de aula e a uma área de lazer onde acontece as aulas de educação física.

A instituição contava com um conselho escolar que é composto por 1 funcionário administrativo,1 do apoio,1 professor e 1 representante dos pais. É a unidade executora e pessoa jurídica, a qual responde pelos recursos financeiros administrativos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola apresentavam linhas norteadoras para promover a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem, que iam desde à área administrativa à área pedagógica.

Os recursos humanos contavam com 13 professores, 1 assistente social,1psicóloga, 2 supervisoras pedagógicas,1 diretora, 1 diretora adjunta, 3 secretárias, 1 cuidadora e 11 funcionários de apoio, contando com vigilantes, serviços gerais e cozinheiras, distribuídos nos três turnos. O número de alunos matriculados no ano de 2016 era de 355 pessoas, sendo: 129 pela manhã, 139 no turno da tarde e 87 à noite na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Os recursos financeiros da escola são provenientes do Governo Federal, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), depositados na conta corrente da escola, advindos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), repassados de acordo com o número de alunos matriculados na escola no ano anterior.

4.1.1 A inserção do/a assistente social na escola

A assistente social da escola nos anos de 2016 e 2017, período do estágio, trabalhava na instituição desde 2013. A mesma relatou que os objetivos do serviço social na instituição de ensino são de garantir o acesso a uma educação de qualidade e fazer valer o direito à educação estabelecido na Lei com o acesso e a permanência da criança e do adolescente na escola; desenvolver ações junto às famílias, aos professores e demais trabalhadores da educação; atuar na garantia de uma gestão democrática e participativa.

Vimos que a prática do/a assistente social se dava por meio de planejamento e trabalho em equipe multiprofissional, atendimento individual aos pais e alunos, encaminhamento à instituição da rede de proteção à criança e ao adolescente e articulação com as famílias dos alunos e com as instituições de saúde e de assistência social. Os instrumentos e técnicas utilizados eram a visita domiciliar, ficha de encaminhamento, relatórios e questionários.

Além do plano de ação da equipe multiprofissional, o/a assistente social realizava atividades como: visita domiciliar aos alunos com baixa frequência; atendimento individual às famílias e aos alunos com dificuldades de aprendizagem e de comportamento; participação no planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas; encaminhamento a outras instituições dos alunos que exigirem atendimentos especiais e levantamento socioeconômico pra conhecimento e caracterização a população usuária (alunos e familiares).

Na sequência veremos como se deu o projeto de intervenção na escola com a utilização da arte, nesse caso, o teatro de bonecos como instrumento do serviço social.

4.2 O Projeto de intervenção “Implantação do Teatro de Bonecos na Escola”

Implantação do Teatro de Bonecos na Escola foi um projeto de intervenção realizado na Escola Municipal do Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arcoverde, no período de julho de 2016 a abril de 2017, obedecendo o recesso natalino e as férias escolares. O trabalho contou com turmas da educação infantil a alunos do quinto ano, no turno da manhã, somando um total de seis turmas. Os encontros aconteciam duas vezes na semana, sempre nas segundas e quartas, mas algumas vezes havendo a necessidade de se fazer presente em outros dias, como também em outras ocasiões no turno da tarde, em eventos realizados no pátio da escola, onde havia a necessidade da atuação do teatro de bonecos, mostrando a força que tem essa ferramenta pedagógica (bonecos), que tanto pode ser trabalhada dentro como fora da sala de aula, pois o campo para utilização desse recurso é muito vasto.

A arte tem sido proposta como instrumento de educação, ocupando papéis diversos desde Platão, que a considerava como base de toda a educação natural. Dramatizar não é somente uma realização simbólica, o teatro tem como fundamento a experiência de vida, e o ato de dramatizar está contido em cada um, como

necessidade de compreender e representar uma realidade, um processo de socialização consciente e crítico. Levando em consideração a ideia de fazer uso da arte como canal de educação e utilizando o material didático já existente na escola, surgiu a proposta de se criar um teatrinho de bonecos; pois na instituição de ensino havia uma empanada para apresentação de bonecos feita em madeira MDF, com dimensões de 1m x 1,80 cm, com estrutura de fácil montagem, havia também , uma coleção de dez bonecos de feltro e um acervo de livros paradidáticos de literatura infantil e infanto-juvenil com conteúdos que falavam sobre ética, comportamento, valores, educação ambiental e outros temas favoráveis a serem trabalhados com as crianças.

Segundo Silveira (1997) “o boneco possibilita vivência entre fantasia e realidade e nos ajuda a sair de nós mesmos para que possamos nos conhecer melhor.” (p.135). No teatro de bonecos encontram-se articulados entre si, imagem, voz, corpo, música, ritmo, canto, plástica e dança, além do desenvolvimento da linguagem e da localização de tempo e espaço. Essa ferramenta pedagógica possibilita trabalhar o cotidiano dos alunos, seus conflitos, seus sonhos e suas ideias. Através do boneco podemos embarcar no mundo lúdico, onde a imaginação e a criatividade surgem de forma espontânea.

As atividades com bonecos foram desenvolvidas no interior das salas de aula, onde cada turma tinha seu tema, o qual era escolhido em conjunto com o professor responsável, ante a necessidade da turma. O trabalho com os bonecos, além de percorrer as salas de aula, tomou a dimensão do pátio onde aconteciam encontros e atividades coletivas que envolviam além dos alunos, professores, funcionários e algumas vezes, os pais; dando a possibilidade de um trabalho mais amplo. Onde fosse preciso a atuação do serviço social e adequado a interferência com bonecos, ele estaria lá como um instrumento técnico-operativo da profissão.

Além dos bonecos da escola, foram utilizados outros três bem conhecidos das crianças por suas atuações em escolas da cidade de Campina Grande e região, são eles: Vovó Naná, Candelina e Jangrilandio, bonecos feitos com material de sucata e que fazem parte do Ateliê de Artes Lourdes Capozzoli, localizado na Casa Memorial Severino Cabral, rua Getúlio Vargas, centro da cidade. Esses bonecos conquistaram toda comunidade escolar, sendo solicitados em vários eventos da escola e tiveram participações especiais nos projetos paralelos ao dos bonecos, que eram de cidadania e inclusão, fazendo uma ligação entre os projetos de intervenção das estagiárias do serviço social. A vovó Naná representava a senhora sábia que dava lição de moral em quem fosse preciso, Candelina se identificava com as crianças menores por ser uma bonequinha divertida e que vivia contando histórias, já o boneco Jangrilandio simbolizava o garoto na puberdade, cheio de conflitos e questionamentos. Desta forma ia criando-se situações que envolviam desde as crianças aos adultos, mostrando que a arte, neste caso, o teatro de bonecos, quebra barreiras e proporciona aos participantes uma rica experiência, abrindo caminhos para as descobertas e a exploração das possibilidades de construir algo melhor para suas vidas.

O teatro de bonecos também chamado de fantoches ou de mamulengos em alguns estados nordestinos e com muitas outras denominações em vários países do mundo, teve sua origem na antiguidade, já na Idade Média os bonecos eram utilizados em feiras populares e nas doutrinas religiosas. Na América, os bonecos foram trazidos pelos colonizadores, apesar dos nativos já fazerem bonecos articulados que imitavam movimentos humanos e de animais. No Brasil as primeiras apresentações foram por volta do sec. XVI. No Nordeste, o teatro apareceu

principalmente em Pernambuco e foi por volta do sec. XX que ele se consolidou fortemente em nosso país e vem sendo usado não apenas como espetáculo, mas como atividade educacional lúdica, quando bem aplicada contribui para o desenvolvimento intelectual da criança, na medida em que ela cria um personagem e fantasia um lugar, o lúdico e a realidade se misturam surgindo o conhecimento através da brincadeira. Durante os trabalhos realizados na escola, podemos perceber o quanto as crianças se envolviam de forma espontânea nas atividades com bonecos e quanto o serviço social podia fazer com aquele instrumento que dispunha naquele momento.

Nas afirmações das autoras, Ladeira E Caldas (1993) “os fantoches estimulam a imaginação da criança e a ajuda a compreender e reter o que lhe é passado com mais clareza” (p.16) O boneco dá a possibilidade de expressar sentimentos e de falar algo que não conseguimos fazer naturalmente somente com palavras, podemos citar o exemplo de uma palestra, onde o tema é de grande importância, mas se o orador não tiver uma boa dinâmica, o discurso se torna enfadonho, deixando de ser compreendido pelo espectador, todavia, essa mesma temática sendo abordada por um boneco conseguirá prender a atenção do público fazendo com que ele se torne mais dinâmico e interativo. Tanto a criança, como o adulto parecem perceber bem melhor e armazenam com mais facilidade as imagens e as mensagens, quando são apresentadas através de algo que as encante emocionalmente como é o teatro de bonecos.

O projeto Teatro de Bonecos na Escola, proposto e desenvolvido na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde tinha como objetivo geral implementar essa arte como uma ferramenta pedagógica para trabalhar com alunos da educação infantil e do fundamental I, com faixa etária de 04 a 12 anos de idade e seus respectivos professores, como uma prática contínua em sala de aula e um elo entre o serviço social da escola. Os objetivos específicos desse projeto eram de estimular a utilização dos bonecos como instrumento de socialização nas atividades de classe e extra classe do espaço escolar, identificar problemas e dificuldades dos alunos e as trabalhar através de esquetes feitas com bonecos, promover a integração entre as turmas através dos momentos lúdicos das apresentações, vivenciar através da manipulação a experiência laboral de criar personagens e situações e, por fim, valorizar e preservar os recursos pedagógicos existentes na escola, tais como: o teatrinho, os bonecos, os livros, os instrumentos musicais, entre outros.

A equipe de estagiárias do serviço social estava sempre sob a supervisão da assistente social da escola, que orientava as ações trabalhadas com os alunos e comunidade escolar. Paralelo ao projeto de intervenção eram feitas visitas domiciliares, o que ajudava mais a conhecer o perfil dos alunos, encaminhamentos, acompanhamentos, relatórios, participação em eventos da escola e também foram feitas visitas a instituições para encaminhamento de crianças com alguma deficiência.

4.2.1 Procedimentos metodológicos do projeto de intervenção

O projeto de implantação do teatro de bonecos na escola teve duas etapas. No primeiro momento houve: Observação das crianças no horário do recreio para verificação do comportamento entre elas e como se comportavam com a escola (espaço físico), levantamento do material lúdico existente na escola, conversa com a assistente social e a psicóloga para ver temas prioritários a serem trabalhados, conversa com os professores para saber as necessidades das turmas, visita às

salas com as bonecas Candelina e Vovó Naná para ver a reação das crianças, apresentação das bonecas Candelina e Professora Ceíça na semana da família, realizada no pátio da escola para a comunidade escolar, incluindo os pais, contação de história dos contos populares pela boneca Vovó Naná na semana do folclore e trabalho de manipulação de bonecos em sala de aula, utilizando os bonecos da escola.

Em um segundo momento do projeto, a comunidade escolar já conhecia o trabalho e as atividades se desenvolveram de forma mais rápida e continua, tivemos: Oficina de construção de bonecos com material reciclável, ensaios com bonecos usando as histórias dos livros da escola, apresentação do teatro de bonecos pelas crianças no auditório da escola, dinâmica com bonecos na hora do recreio, confecção de adereços a partir da sucata, feito pelas crianças, foi trabalhado o natal, carnaval e as festas juninas, exposição dos trabalhos confeccionados no pátio da escola e avaliação do projeto e entrega do relatório final às orientadoras de campo e institucional.

Os recursos materiais utilizados foram: o teatrinho, os bonecos, os livros, cola pincéis, tinta e durex, material de sucata e equipamento de som. Já os recursos humanos foram: Estagiária do serviço social, assistente social da escola, psicóloga da escola e os professores do turno da manhã.

4.2.2 Resultado do projeto de intervenção

A implantação do teatro de bonecos na escola teve um resultado positivo. Foram seis turmas trabalhadas, cada uma com sua peculiaridade. Os bonecos eram sempre solicitados nas salas de aula, tendo que seguir um cronograma que começava com a turma que tivesse mais necessidade daquela intervenção. Os objetivos foram alcançados. O material lúdico, antes guardado passou a ser utilizado pelos professores e alunos, os educadores entenderam a proposta de usar o teatro de bonecos como instrumento pedagógico e todos perceberam o quanto o boneco possibilita desenvolver trabalhos educativo, seja na área da pedagogia, da psicologia e da assistência social; áreas que trabalham em conjunto na escola, mas com suas especificidades.

O projeto com bonecos seria, a princípio, trabalhado só com uma turma, mas devido a necessidade das demais turmas de uma intervenção social, o projeto atendeu às seis turmas do turno da manhã.

Com a turma da educação infantil foi feita contação de história, estimulando o desenvolvimento motor dos pequenos, assim também, como a socialização.

Na turma do primeiro ano havia um problema detectado pela professora, onde as crianças não queriam brincar com brinquedos, levavam maquiagem, imitavam personagens de novelas, desviando do universo infantil. O trabalho feito nessa turma teve o tema: “coisas de criança”, onde os bonecos faziam perguntas e as crianças respondiam se era coisa de adulto ou de criança, e depois desse trabalho o retorno às brincadeiras e ao lúdico, retornaram.

A turma do segundo ano trabalhou “a importância de se falar a verdade” e as consequências de uma mentira. As crianças escreviam frases sobre o assunto e na sequência era feito um debate com os bonecos. Os problemas com mentira nessa turma foram amenizados.

O terceiro ano fazia um belo trabalho com literatura, a leitura era estimulada e os bonecos vieram enriquecer esse trabalho, o tema escolhido foi “a família”, com essa turma construímos um presépio natalino feito de material reciclável, símbolo

esse, que representava a família. Foram feitas apresentações com bonecos sobre as diferentes formas de família. O trabalho foi exposto no pátio para toda comunidade escolar.

Foi desenvolvido com a turma do quarto ano um trabalho sobre “a cultura de paz”, pois possuíam alunos com os ânimos alterados gerando pequenas confusões. Em conjunto com a professora da turma foi criado um amigo oculto, onde cada criança confeccionava um anjo com cartolina e fita e um cartão com uma mensagem de amizade. No final, os bonecos convidavam as crianças para lerem as mensagens que receberam dos seus anjos. O resultado foi um momento de confraternização, e crianças que antes trocavam farpas passaram a trabalharem juntas na sala de aula.

Com o quinto ano, os bonecos deram uma contribuição com o projeto de cidadania que eles estavam trabalhando, assim também como os bonecos contribuíram com um projeto de inclusão, percorrendo as salas, os corredores e o pátio da escola.

O projeto de implantação do teatro de bonecos conseguiu atingir todo o turno da manhã com repercussão no turno da tarde, contribuindo com os trabalhos do serviço social na escola.

5 CONCLUSÃO

O artigo teve como princípio contribuir para uma reflexão acerca de uma nova intervenção através da arte, no trabalho do/a assistente social, visando a emancipação do sujeito e a formação de uma consciência crítica com um novo olhar no cotidiano referente às expressões da questão social.

A temática arte e cultura é pouco abordada dentro das academias e não se ver dentro dos departamentos, uma linha de pesquisa sobre arte/cultura e Serviço Social. No decorrer da pesquisa para elaboração desse artigo, foi verificado que dentro dos congressos inerentes a profissão, os trabalhos apresentados acerca do tema também são poucos, mas esse tema vem sendo debatido, mesmo que timidamente e a categoria vem se aproximando do tema, todavia é mais observado trabalhos nas teses de doutorado referentes à arte e cultura.

Diante dos desafios expostos a categoria todos os dias com relação às demandas expressivas da questão social, o profissional tem que buscar meio de enfrentá-las e a utilização da arte e da cultura, que tende ser um caminho para enfrentamento dessas questões, é uma alternativa viável, tendo em vista que a arte tem espaço em todos os lugares, quando não o tem, ela cria esse espaço. A arte é um instrumento capaz de despertar o potencial crítico do ser humano. Esses sujeitos quando se utilizam da arte fazem leitura da realidade em que vivem e aprendem significados das expressões da questão social.

Pode ser visto durante toda construção desse trabalho, que a arte está sempre acompanhando o homem desde a sua existência como forma de expressão e comunicação, o que vemos no período primitivo com as pinturas rupestres representando através dos desenhos pintados nas paredes das cavernas que descrevem o modo de vida daquela época. E por todos os períodos da vida humana, a arte tem sido um instrumento de descrever a história da humanidade, sendo retratada no período primitivo, antigo, medieval, moderno e contemporâneo. Cada período é descrito através das expressões artísticas, e pode se compreender melhor o modo de vida das pessoas naquele momento porque a arte diz muito sobre quem

a fez e o mesmo expressa através da obra de arte, a sua vivência e sua visão de mundo.

A arte é inerente ao homem, através dela, ele pode transmitir mensagens, expressar sentimentos, provocar reações e contribuir para conscientizar indivíduos, seja através da pintura, da literatura, da música, do teatro, do cinema, da arquitetura ou de qualquer outra forma de expressão artística, o sujeito tem um meio de transmitir ao mundo, os seus sentimentos e seu modo de ver a vida. Durante muito tempo a arte foi e tem sido um meio de protestar contra o sistema opressor e de colaborar para educar politicamente pessoas, criando seres mais conscientes e críticos. No Brasil, durante o regime militar, a arte se fez a voz do povo que era proibido de se manifestar publicamente, artistas foram presos, torturados e tiveram suas obras censuradas por um governo ditatorial. Mas a arte permaneceu forte no cinema, no teatro, nas artes visuais e, principalmente, na música, onde artistas como Chico Buarque, Geraldo Vandré, Gilberto Gil e outros tantos tinham em suas canções letras de protesto, que chegavam aos ouvidos do povo, mostrando que a arte ultrapassa barreiras.

Sendo a arte e a cultura de grande importância para o homem, como já foi dito, é viável utilizá-las como instrumento de trabalho do Serviço Social como um meio de conscientizar e de entender os sujeitos e a comunidade na qual se trabalha. A arte é transformadora e pode ser uma grande aliada no exercício profissional do/a assistente social.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. **Lei de Diretrizes Curriculares**. Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social. Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro, novembro de 1996.

BEZERRA, C. S. **Globalização e Cultura**: caminhos e descaminhos para o nacional-popular na era da globalização. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei número 9394,20 de Dezembro de 1996

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 10^o edição, São Paulo: Brasiliense. 1989.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1994

EVELIN, Heliana Baía. **Serviço Social no contexto das ciências da cultura**. 1.ed.- Curitiba: Appris, 2014.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo, FUZARI, Maria Felismindo de Resende e. **Metodologia do Ensino da Arte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez,1999.

FISHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Trad. Leandro Konder. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

LADEIRA e Caldas, **Fantoche & Cia**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Universo da Arte**. 7.ed.-Rio de Janeiro: Campris, 1991.

PPP (**Projeto Político Pedagógico**) da Escola Municipal do Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arcoverde, 2016.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 17.ed. São Paulo: Ática, 2005.

SANTOS, V. N. **Arte em cena**: algumas reflexões na formação e no projeto político profissional do Serviço, In: XVII Seminário Latino-americano de Escuelas de Trabajo Social, 2004

SILVEIRA, Sônia Maria. **Teatro de bonecos na educação**. Florianópolis: Perspectiva, 1997.

RODRIGUES, Augusto (org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: Inep, 1980

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/a-ligacao-entre-arte-e-cultura/53223> acesso 16 06 2019

<https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/o-que-e-arte/>, acesso 17 06 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celestial por esse momento e por toda minha trajetória até chegar aqui, todas as conquistas e as dificuldades e a sábia escolha de cursar Serviço Social, curso que me ensinou a ver o mundo de forma mais humana, crítica e consciente.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou em todos os momentos, em especial, ao meu pai, Seu Eurides, meu anjo protetor aqui na terra. Minha irmã Mary, meu cunhado Amadeu, meus filhos: Astro, Laura e Esperanza, minha sobrinha Cinthya, muito obrigada por toda força que vocês me deram. Ao meu companheiro de todas as horas, Inácio de Loiola que nunca me deixou desistir do meu sonho e acreditou na minha capacidade de conquista, te amo.

Agradeço às minhas amigas: Edilma e Jussara que sempre estiveram comigo. Aos meus colegas de turma, em nome das minhas amigas Stela, Yane e Patrícia, minhas amigas, minhas companheiras de luta.

Agradeço à instituição U.E.P.B, à coordenação do curso, aos funcionários do departamento e aos meus inesquecíveis professores que durante minha vida acadêmica, contribuíram para minha formação, em especial Marília Tomáz, minha supervisora de campo, um ser humano fantástico que tive a oportunidade de conviver e aprender muito com ela.

Agradeço à Escola Rivanildo Sandro Arcoverde e toda comunidade escolar daquela instituição de ensino, pelo acolhimento e receptividade durante o período de estágio.

Agradeço à banca, Professora Mestra Alcione Ferreira e à Assistente Social Fátima Melo que também foi minha supervisora institucional e com ela vivenciei o exercício da profissão dentro de uma instituição de ensino.

Agradeço infinitamente à minha orientadora Noalda Ramalho por toda dedicação, paciência e por ser a orientadora que Deus colocou em minha vida e me iluminou na elaboração desse artigo.

Que Deus continue nos abençoando, hoje e sempre!!!!!!